Teologia negra: a hermenêutica dos oprimidos

Jonas Euflausino da Silva[1]

RESUMO

Este artigo realiza uma reflexão a respeito da Teologia Negra: seu desenvolvimento histórico, características, principais autores e suas consequências para as questões religiosas hodiernas. Desse modo, a compreensão do processo hermenêutico implementado pelos teólogos e teólogas da Teologia Negra impõe um desafio ao cristianismo brasileiro, que tanto se apropria de uma leitura "fundamentalista" da religião cristã, repetindo práticas e discursos prontos, perpetuadores da lógica de opressão e esquecimento das minorias.

Palavras-Chave: Teologia. Racismo. Hermenêutica. Negritude.

Introdução

Em uma perspectiva mais dogmática e fundamentalista, é muito comum no campo da religião considerar a teologia como um produto acabado e pronto, uma hierofania. Contudo, tal categoria do conhecimento é fruto de profundos e constantes processos interpretativos. Nesse sentido, podemos parafrasear a máxima Nietzschiana, afirmando: "A teologia é humana, demasiadamente humana".

A teologia cristã é fruto das interações do corpo social composto dos fiéis, em um determinado momento histórico, que vivencia demandas sociais e existenciais que impõem a necessidade de atualizar a mensagem para sua geração ou contexto.

Assim, ressaltamos que o fazer teologia, como um processo de reflexão que redunda em conhecimento, é fruto, em princípio, de uma interação dialógica entre a mensagem que se entende revelada ("verdade eterna") e as indagações existenciais impostas pelo contexto no qual está inserido/inserida o teólogo ou teóloga. Sobre esse aspecto, afirma Paul Tillich:

> A teologia, como função da igreja cristã, deve servir às necessidades

[1] Mestre em Teologia e Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), *E-mail: screligionjonas@gmail.com*.

> da igreja. Um sistema teológico deve satisfazer suas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia se move para trás e para a frente entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal na qual a verdade eterna deve ser recebida (TILLICH, 1987, p. 13).

Fazer teologia é empenhar-se em um processo hermenêutico, que se vale da tradição, do dogma, mas que compreende que ao lançar luz sobre o texto, ainda que tido como sagrado, o exercício interpretativo sempre estará circunscrito ao horizonte histórico compreensivo e linguístico de quem interpreta, bem como daquele ao qual se pretende comunicar, como bem pontua Claude Gefré:

> Portanto, adotar um modelo hermenêutico em teologia não significa que não há mais dogma, mas é tomar como ponto de partida o texto. Quem diz hermenêutica não diz simplesmente a compreensão em geral, mas o tipo de compreensão que está engajado na leitura dos textos, quer se trate da Escritura ou das releituras. [...] É importante aqui recorrer a uma concepção de linguagem segundo a qual ela não é o instrumento neutro e maleável de um pensamento todo-poderoso. Não há pensamento fora da linguagem, e a tradição de linguagem na qual estou inserido já me oferece um certo número de recursos que são esquemas interpretativos a partir dos quais apreendo a realidade, e que vão permitir-me eventualmente forjar novos conceitos (GEFRÉ, 2004, p. 36).

Diante desse aspecto, o presente trabalho pretende abordar um destes processos interpretativos, que nada mais é que uma tentativa humana de ascender, pelo conhecimento, ao mundo transcendental, elaborada por um povo em diáspora e oprimido racialmente, ante a mensagem do cristianismo pregada pelos seus próprios opressores. Isso é a Teologia Negra.

Trataremos da definição do que é a Teologia Negra, sua origem, principais teólogos, suas chaves hermenêuticas e concluiremos com uma reflexão sobre as consequências do método para o contexto hodierno, em especial para a cristandade brasileira, que vivencia o fortalecimento de um discurso teológico opressor, que respalda a desumanização das minorias.

1 Teologia negra: origem e definição

O entendimento mais comum é que a Teologia Negra surge no fim da década de 1960, tendo como marco a publicação, em 1969, do primeiro livro do teólogo negro estadunidense James Cone (1936-2018), *The Black Theology and Black Power* [A Teologia Negra e o Poder Negro]. A obra de Cone se apresenta como uma tentativa de sistematização da Teologia Negra. Contudo, ela consiste no acúmulo de toda uma produção anterior sobre a temática (PACHECO, 2019, p. 56).

A despeito de o marco fundante daquilo que se conhece como Teologia Negra ser a produção literária de James Cone, asseveramos que a referida abordagem teológica é a materialização de todo um fazer teológico desenvolvido desde a escravidão de forma concomitante a todo um processo histórico de ser negro em uma sociedade racista. Redunda-se, assim, em uma instituição que é anterior a Cone, e da qual, diga-se de passagem, ele era integrante e porta-voz, que é a igreja negra americana.

A Teologia Negra não é meramente uma teologia africana, mas é fruto do encontro entre os escravos africanos, em terras americanas, e o discurso salvífico da igreja branca; é uma teologia que emerge da hermenêutica dos marginalizados, os que tiveram os seus elementos identitários (divindades, cultura, humanidade) vilipendiados por um sistema opressor que apresentou paradoxalmente uma mensagem de um Deus amoroso. Rosino Gibellini assim define a Teologia Negra:

> A teologia negra (*black theology*) não é uma teologia africana, e sim a teologia dos negros que vivem em estado de segregação e em situações de marginalização numa sociedade racista branca. Esta é a realidade da cultura negra e das igrejas negras nos Estados Unidos da América [...]. A teologia negra está, assim, relacionada com a experiência desumana do racismo (GIBELLINI, 2002, p. 383).

Portanto, a Teologia Negra é a teologia que impõe ao teólogo e à teóloga a necessidade de refletir sobre o sentido de ser negro ante a mensagem do cristianismo, em um contexto de opressão que foi ocasionado pelo processo de cristianização que a igreja americana impôs aos escravos. Obviamente, a lógica da igreja branca se lastreava em uma hermenêutica que justificava a escravidão, partindo de leituras particulares e equivocadas de alguns textos bíblicos, a saber:

1) A Maldição de Cam[2] (Gn 9, 18-27);
2) A autorização divina de Israel para tomar escravos (Lv 25, 44-46);
3) Os textos Paulinos que eram destinados a humanizar o regime de escravidão (1Cor 7, 20-21; Ef 6, 5-9; Cl 3, 22; Cl 4, 1; 1Tm 6, 1-2 e Fm 1, 10-18).

Obviamente, a partir desta leitura particular dos textos bíblicos perpetrada pela igreja branca, no processo de evangelização que foi dirigido aos negros escravizados não havia espaço para conectar liberdade cristã com liberdade civil. Dessa forma, os missionários brancos asseveravam que a mensagem cristã liberta exclusivamente da corrupção do pecado, não tendo nenhum compromisso com a libertação da situação de escravidão (GIBELLINI, 2002, p. 387). Tal discurso serviu de instrumento de dominação, apoiado pelos senhores de escravos, que enxergavam na evangelização dos negros um fator que poderia contribuir para a melhoria da submissão e da produtividade.

É exatamente no encontro de duas visões sobre a mensagem cristã que emerge a Teologia Negra, em que, por um lado, por parte da igreja branca, fomentava um discurso de dominação e de conformismo, e pelo outro, por parte da igreja negra, percebe a incoerência da aplicação dos elementos do discurso cristão à realidade histórica dos escravos.

Obviamente o fruto desta dialética redundou em um processo de ressignificação do cristianismo pelos integrantes negros da igreja americana, buscando-se, assim, o sentido existencial de ser negro, escravo e cristão; tendo, como ponto de partida, a própria Bíblia apresentada pelo sistema opressor; e, como chave hermenêutica, a herança africana dispersa no consciente e inconsciente coletivo do povo em diáspora. No tocante ao que acabamos de afirmar, James Cone asseverou:

> Assim, a experiência dos negros requer que as Escrituras sejam uma fonte da Teologia Negra, pois foram as Escrituras que capacitaram os escravos para afirmarem uma visão de Deus que diferia radicalmente da dos senhores de escravos. A intenção dos senhores de escravos

[2] A maldição de Cam é uma interpretação da história consignada no livro de Gênesis (Gn 9, 18-27) que narra uma atitude inapropriada de um dos filhos de Noé, chamado Cam. Este ato redundou em uma maldição, pela qual, segundo os intérpretes, tanto Cam como seus descendentes se tornaram negros, originando os povos africanos. Recentemente, o deputado Marco Feliciano reacendeu este debate ao afirmar que a África está submetida à maldição lançada por Noé ao filho de Cam, Canaã.

> era apresentar um "Jesus" que tornaria o escravo obediente e dócil. Supunha que Jesus faria do povo negro melhores escravos, isto é, fiéis servos dos senhores brancos. Mas muitos negros rejeitaram aquela visão de Jesus, não apenas porque ela contradizia sua herança africana, mas também porque contradizia o testemunho das Escrituras (CONE, 1985, p. 41).

Diante do que acabamos de expor, o lastro epistemológico para se interpretar o cristianismo difundido pela igreja negra, e que dá origem à Teologia Negra, é o cotidiano da escravidão, o corpo negro subjugado pelo branco racista — que se dizia cristão. Foi naquela sórdida condição existencial que se estabeleceu o lugar do discurso teológico.

Contudo, tal discurso teológico não ficou enclausurado no contexto da escravidão, abarcando também a condição histórica do negro, nos diversos momentos nos quais tiveram os seus direitos políticos e sociais vilipendiados pela imposição racista da sociedade americana, refletindo, assim, sobre o que significa ser negro em qualquer contexto histórico.

Ressaltamos que a Teologia Negra é a lógica propulsora de diversos movimentos políticos e sociais de luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, a exemplo do que foi liderado por Martin Luther King, que possuía um caráter mais pacifista, e também daquele que foi denominado de *"Black Power"* (Poder Negro), que manifestava um viés mais belicoso.

2 Chaves hermenêuticas da Teologia Negra

A Teologia Negra apresenta uma resposta à questão hermenêutica, viabilizando um discurso que eleva, à condição de protagonistas, os oprimidos em geral. Essa abordagem assevera que a mensagem cristã consignada na Bíblia deve carrear, por um lado, um processo de libertação, e, por outro lado, de condenação ao sistema opressor como antagônico à mensagem do Evangelho de Cristo. A respeito dessa questão, ressalta James Cone:

> A resposta da Teologia Negra à questão da hermenêutica pode ser estabelecida de modo conciso: O princípio hermenêutico para uma exegese das Escrituras é a revelação de Deus em Cristo como o libertador dos oprimidos da opressão social e para a luta política, em que os pobres reconhecem que sua luta contra a pobreza e a injustiça

> não é apenas consistente com o evangelho, mas é o próprio evangelho de Jesus Cristo [...]. Qualquer ponto de partida que ignora Deus em Cristo como o Libertador dos oprimidos ou que toma a salvação como libertação secundária não é, *ipso facto,* válido e, por isso, é herético (CONE, 1985, p. 92-93).

A Teologia Negra, enquanto fazer teológico, interpreta a Bíblia, a tradição da igreja e os elementos do cristianismo, a partir de uma articulação com diversas chaves hermenêuticas que cunham o discurso proferido pelos teólogos e teólogas negros; inclusive inserindo a referida teologia no contexto cristão, chaves as quais exemplificaremos a seguir.

2.1 O Jesus negro

A figura do Jesus negro encerra muito mais do que uma discussão sobre a cor da pele do messias judeu. Ela consiste, principalmente, na negritude de sua pessoa presente no significado teológico do Cristo, que se traduz no homem oprimido que luta pela libertação de um povo igualmente sofredor. Portanto, a figura do messias negro é solidária com a luta pela libertação do povo negro, assim como de todos os oprimidos em qualquer contexto histórico e social.

Para Cone (1985, p. 146-151), Jesus é negro no sentido de que ele foi judeu, e é nesta condição que reside a sua negritude, como integrante de um povo que viveu em diásporas, entre as quais a egípcia, a qual culminou com a experiência do Êxodo, de um povo sem terra e que outrora era escravo em terra estrangeira; mas que foi liberto por uma intervenção divina. Tal condição se ajusta dialeticamente com a condição do povo negro escravizado e/ou segregado racialmente.

A negritude de Jesus se manifesta em todo o seu ministério terreno, no sentido de que ele fez uma opção pelos sofredores em seu contexto social, e também em sua morte e ressurreição, e é à luz dessa compreensão que a Teologia Negra afirma que "Jesus é Negro", sendo essa chave hermenêutica fundamental para o discurso teológico difundido pelos teólogos e teólogas negras.

2.2 O Êxodo

A Teologia Negra se apropria da interpretação das narrativas do Êxodo na

forma de um posicionamento divino contra a opressão e a escravidão. É nesse contexto que a Teologia Negra insere e identifica o povo negro escravizado na diáspora, como bem assevera Ronilson Pacheco:

> Para a Teologia Negra, esta identificação não poderia ser diferente, mas ela se radicaliza, quase que trazendo no corpo as marcas dos açoites e das torturas nas colônias escravocratas de negros e negras ancestrais. Assim, o clamor do povo oprimido, como descrito no livro de Êxodo, ganha contornos de um *negro spiritual* sussurrando nas fazendas do sul estadunidense (PACHECO, 2019, p. 81-82).

O deserto é um elemento importante na Teologia Negra, considerando que se trata de um lugar de privação; é uma terra na qual não há pertencimento — no deserto todos são estrangeiros. Contudo, o deserto do Êxodo adquire contornos de esperança, pois é mera transição entre o desterro e a terra da promessa. Essa conexão possibilitou, por analogia, uma esperança de libertação a negros e negras escravizados.

2.3 A presença do Espírito Santo

A Teologia Negra conduz a sua interpretação do cristianismo para a consolidação de uma igreja viva, no sentido de que há uma clara relação da comunidade com a divindade. Assinalamos que a exemplo da religião africana, na qual a relação entre os adoradores e o sagrado era mediada pelos espíritos, na igreja evangélica negra, o Espírito Santo passa a desempenhar esse papel na mediação da relação entre os adoradores e Deus. Nessa perspectiva, uma pneumatologia particular passa a ser um distintivo da igreja negra.

Portanto, a ação do Espírito, tendo como paradigma mitológico o evento narrado em At 2, apresenta-se como um conectivo com as crenças ancestrais africanas. É nessa experiência que o povo negro encontra um novo significado para a possessão dos espíritos e para o transe. Na Teologia Negra, o Espírito de Deus representa o poder para enfrentar as batalhas cotidianas contra as forças opressoras, que, embora estivessem concretizadas no racismo branco, eram controladas por uma dimensão espiritual da maldade.

A nosso ver, o ápice da visão da pneumatologia negra foi o movimento de

renovação espiritual liderado por William Seymour e inaugurado na rua *Azuza*, na cidade de Los Angeles, que deu início ao movimento pentecostal, o qual, em seus primórdios, era formado basicamente por negros e trabalhadores, ou seja, gente oprimida.

Acrescentamos que a doutrina do batismo com o Espírito Santo[3], como estruturada em *Azuza*, era um elemento que promovia a igualdade social, no sentido de que o principal requisito para chancelar e habilitar os membros da comunidade para pregarem, orarem e cantarem era o fato de terem vivenciado a experiência pneumatológica. Sendo assim, negros, hispânicos, brancos, homens e mulheres — qualquer um podia ocupar funções de liderança naquele ministério.

Considerações finais

Concluímos, então, que a Teologia Negra surge como um processo de resistência social dos negros americanos, que, ao serem catequizados pela igreja protestante, passaram a interpretar a mensagem cristã a partir de uma hermenêutica particular que asseverava que o cristianismo deve promover a justiça social, ilidindo qualquer intenção de se estabelecer uma lógica opressora, seja ela da natureza que for.

Acrescentamos que a Teologia Negra foi realizada a partir de uma hermenêutica que se assentava sobre o *locus* existencial de um povo oprimido. Portanto, ela propõe um grande desafio à teologia contemporânea, em especial no Brasil, considerando que a igreja evangélica brasileira, em seu discurso, lastreia sua interpretação do cristianismo em princípios opressores e alienantes no tocante às minorias oprimidas.

O grande desafio imposto pela Teologia Negra à igreja evangélica e ao cristianismo, de uma forma geral, é a necessidade de perceber que a mensagem cristã deve redundar em um processo de transformação e libertação das estruturas opressoras. Dessa forma, ela chama a nossa atenção para as demais teologias

[3] A doutrina do Batismo com o Espírito Santo fomentada pelo movimento de *Azuza Street* foi marcada pela experiência da glossolalia (falar em línguas estranhas), inserindo, assim, no cristianismo protestante, uma experiência extática que não fazia parte da práxis litúrgica das igrejas oriundas do protestantismo europeu que aportaram nos Estados Unidos durante a colonização americana.

elaboradas nos guetos do nosso tempo e que respondam, com justiça social, aos excluídos e minorias.

Referências

CONE, James H. *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GIBELLINE, Rosino. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

GEFRÉ, Claude. *Crer e interpretar*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PACHECO, Ronilson. *Teologia Negra*: o sopro antirracista do Espírito. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.